

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1115	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	<b>20 de Dezembro de 1909</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

## CHRONICA OCCIDENTAL

Não ha festa religiosa que mais alegre e encantante do que a do Natal, festa que a tradição popular reveste de todo o pitoresco campezino, representando o Menino Deus nascido nas humildes palhas de um presepio, emquanto ao longe, descendo pela enfesta do monte, se avistam já os ranchos dos pastores, que vêm dançando e cantando ao som roufeno da gaita de-folles e do rufo bem animado dos tambores.

Dir-se-ia que a natureza inteira concorrera naquella dia para festejar o advento milagroso. O céu era mais azul, o sol mais brilhante, e até as levadas, que iam mover as rodas das azenhas, derivavam e murmuravam mansamente por entre a verdura tenra dos ervaes!

Na hora em que se commemora tamanho jubilo não póde deixar de haver um festim em cada casa. Tiram-se do lume os manjares mais saborosos, retira-se das arcas o melhor bragal, e passam em torno da meza os picheis, para que todos comam, todos bebam, e cantem depois alegremente em signal de regosijo. E para que o jubilo chegue a todos os corações, repartem os ricos dos seus haveres pelos pobres, suavizando assim a sorte ingrata dos que vieram ao mundo abandonados da fortuna.

O Natal é, por excellencia, a festa dos humildes, dos pequeninos, dos entes mimosos que precisam de todo o carinho materno para poderem desabrochar á luz da vida. E é á luz resinosa das pinhas, nas modestas casas campestres, ao crepitar dos troncos na lareira, proximo do estábulo onde os bois pacíficos soltam seus mugidos, que mais apropriadamente se celebra esta doce festa.

A humildade, a pobreza, o sofrimento heroico até ao martirio, a resignação sublime, a dedicação inexcedivel, tudo isso é representado, exemplificado admiravelmente na vida de Christo.

Desde o berço ao tumulo, das caricias da infancia ás agonias do Horto, desde a entrada festiva em Jerusalem até ao suplicio do Golgotha, não ha nada que não seja um ensinamento e um lenitivo á humanidade sofredora.

O nascimento de Christo abre uma era nova para o mundo, decifra e explica toda a historia dos milhares de annos que o precederam, realisa as grandes promessas feitas aos primogenitores da humanidade, satisfaz a expectação dos povos que ha quatro mil annos aguardam a redempção

por um deus. Com o natal de Jesus Christo vê-se raiar a aurora libertadora que ha de rasgar os horisontes sombrios do paganismo, da idolatria, e desfazer as trevas da ignorancia, derramando jorros de luz d'um polo a outro polo do mundo.

Nasce o protagonista dos Evangelhos sobre as palhas de um estábulo, uma mangedoura é o seu berço. Ao tugurio de Belem acodem os reis guiados por estrella misteriosa, mas são homens rusticos, simples camponeses, que fazem as honras da recepção. Não será esta, porventura, a mais

bella lição dada aos homens para que aprendam a considerar-se eguaes, a nivelar-se nas mais graves e solemnes occorrencias da vida, e a fazer prevalecer uma justa confraternisação sobre as erroneas distincções e categorias sociaes?

Ensina-nos a religião christan que o Creador do mundo e de todas as coisas que no mundo existem, visiveis e invisiveis, querendo um dia depôr os raios da sua gloria, abdicar da sua superioridade, e revestirse humildemente com a nossa póbre natureza, nos apparecera em Jesus Christo. Deus, como creador omnipotente, infinitamente grande e magestoso, enche o universo da sua magnitude, e asombraria a mente humana que ousasse, se podesse, contemplá-lo face a face. Não já assim, porém, como deus humanado, feito humilde ser á nossa semelhança, menino dado á luz como qualquer de nós. Entre os desherdados e os simples nasceu pois este Deus amabilissimo, e entre elles viveu e morreu. Quiz partilhar dos nossos males, quinhoar do nosso pão negro, e como nós filho de Eva, comnosco quiz atravessar este valle de lagrimas onde gememos, para em tudo conhecer e compartilhar os nossos infortunios e d'elles se apiedar. Jejuou no deserto, fatigou-se pelos caminhos áridos da Judéa, chorou sobre a campa de Lazaro, pranteou a desdita da sua patria ingrata. Como homem, foi em tudo homem como nós.

Tudo isto se conta neste dia ás creanças, e os seus corações estremecem alegres, instintivamente reconhecidos a



D. ANTONIO BARROSO, BISPO DO PORTO

(Fotografia de Biel)

esse omnipotente Deus, que quiz ser com ellas menino e pequenino. Sua Magestade, choramingando p'la maminha e molhando a sua fralda, em tudo quiz assemelhar-se a ellas, pondo-se ao alcance das suas imaginações, falando aos seus animos, deixando-se tomar nos seus pequeninos braços, como um irmãosinho mais novo. E que recursos enexauríveis, para instruir e edificar o seu auditorio infantil, não encontram as mães piedosas no romance da natividade, da epifania, da fuga para o Egypto!

E' certo que se perdeu a ingenuidade, a crença das antigas eras, crença que muitas vezes degenerava em fanatismo e devoção hipocrita; mas não se perdeu o pensamento fundamental, que torna a humanidade solidaria em todos os tempos, a compreensão elevada de que é preciso idealisar a vida na pratica do bem.

A celebração do Natal não é uma festa exclusivamente de goso material, e muito menos está subordinada a um sentimento de egoismo. O que a torna sobremodo simpatica é o ser essencialmente humanitaria. A caridade preside sempre ao banquete universal d'este dia, e não ha ninguém que não sente á sua meza algum ente menos favorecido da fortuna, ou que não reparta com os menos felizes alguma fatia da sua consoada.

Embora seja o Natal a festa de toda a gente, é todavia ás mães e ás creanças que pertence o maior quinhão a repartir d'ella. As mães vêem nos filhos a esperança que lhes sorri e dá força para a lucta com todas as innumeradas dificuldades da vida; os filhos vêem nas mães a haste inflexivel a que hão de encostar-se emquanto não podérem caminhar sósinhos.

Arvore do Natal, brinquedos, enlevos das creanças! Mas não somos todos nós, na vida, duas vezes creanças?...

JOÃO PRUDENCIO.



## D. ANTONIO BARROSO, BISPO DO PORTO

Figura eminentemente prestigiosa a d'este homem, digno ornamento da Igreja, filho illustre de Portugal, honra de sua patria e de seu sacerdotio.

O OCCIDENTE publica hoje, na sua primeira pagina, o retrato do sr. D. Antonio Barroso, bispo do Porto, a proposito de ter agora o nobilissimo prelado recebido do governo de Sua Magestade a medalha de ouro por serviços prestados no Ultramar, quando nas nossas possessões da Africa Occidental tão humanitarios e relevantes serviços prestou.

As suas raras e estimaveis prendas de espirito e de coração, tem o sr. D. Antonio Barroso juntado em toda a sua vida um escrupulo tal de probidade, a par de um tão pronunciado amor da patria, da justiça, da virtude e da caridade que por todos estes motivos pôde com razão dizer-se que o deveriam tomar por modelo seus contemporaneos.

Homens d'estes são em tão pequeno numero na sociedade de hoje, que d'elles se faz especial menção para honra da humanidade.

Escrupulo de probidade — dissemos; e assim é, pois entendemos e temos por probado todo aquelle que, como este notavel prelado, por habito pratica acções boas e uteis. E dizemos *habito*, porque não é só uma acção honesta e boa a que deve dar o titulo de virtuoso ao individuo. A indole do individuo e a constante pratica das boas acções que a comprovam são as unicas regras para poder avaliar a sua probidade, e é exactamente esta constante pratica de uteis e boas acções o que nós vemos na vida do illustre bispo do Porto.

Em presença d'isto não admira que o nosso retratado seja tido pelos seus contemporaneos, além de sabio, por notavel e distincto a muitos outros respeito, e que os vindouros façam tambem d'elle igual juizo, pois raro exemplo de conducta moral elle tem dado aos primeiros, e aos segundos lega uma tão honrosa memoria, que nem a maledicencia dos dados a esta pécha, nem as injurias do tempo poderão jámais destruir, nem a inveja dos homens o mais levemente manchar.



Se dobrar-mos todos os dias, durante um mez, a insignificancia de 20 réis, teremos no dia 31 o fabuloso resultado de réis 14.921:236\$480!

## DUQUÊSA DE PALMELLA

Suas exequias em S. Domingos

Lisboa prestou seu melhor testemunho de gratidão e respeito á memoria da illustre dama e nobilissima fidalga duquesa de Palmella, concorrendo numerosa ás solemnes exequias, promovidas pela direção das Cosinhas Economicas, que se realisaram no dia 10 do corrente, na igreja de S. Domingos.

O magestoso templo encheu-se completamente. O espaço destinado ao publico regorgitava de assistentes e não chegava. Os convidados occupavam literalmente os logares que lhe competiam.

Não era só a curiosidade de assistir a uma pomposa cerimonia funebre, que movia esse publico; sentimento bem diverso dominava seu coração no desejo de unir suas preces ás que ali se dirigiam a Deus por alma da que tantas vezes lhe suavizara as dôres da vida, o socorrera nos desamparos da miseria, lhe enxugara o pranto da viuêz ou da orfandade, caridosamente, evangelicamente, humanitariamente, e para isso esse povo vestia-se de luto e em muitos olhos marejavam as lagrimas do reconhecimento e da saudade.

A cerimonia funebre teve a imponencia das pompas da Igreja e a do recolhimento piedoso da numerosa assistencia.

Principiando por Sua Magestade a Rainha D. Amelia, que em pessoa compareceu ás exequias da sua camareira-mór, apresentaram-se o sr. Patriarca D. Antonio, arcebispo de Evora, de Mitylene, de Caledonia, presidente do conselho, ministros dos estrangeiros, da fazenda, da guerra e da marinha, governador civil, membros do corpo diplomatico e da côrte, representantes da camara dos pares, nobres e altos funcionarios, direção das Cosinhas Economicas, representantes da Camara Municipal de Lisboa, de Setubal, do Seixal, de Cascaes e Cezimbra, da Real Casa Pia, de varios estabelecimentos particulares e de todas as casas de Asilos, de que a finada fóra protetora, assistindo muitas das creanças asiladas com os seus distintivos.

O templo estava revestido de armações apropriadas de veludo e galões de ouro e de prata, levantando-se no cruzeiro o catafalco com a urna funeraria sobre que pousava a corôa ducal envolta em crepes; lindas plantas ornamentavam este catafalco, que na frente apresentava uma grande cruz formada de crisantemos e em torno ardiam grande numero de tochas e velas em serpentinhas douradas.

A missa e *Libera-mê* foram celebrados pelo reverendo prior Fiadeiro, acompanhando o acto uma orquestra e vozes de tenores e baixos.

No fim destas ceremonias subiu á tribuna sagrada o reverendo arcebispo de Evora D. Eduardo, que produziu um dos seus mais brilhantes discursos na oração ou elogio funebre que fez da illustre Senhora.

E' uma peça oratoria de alto valor literario, de eloquencia e bom conceito, que teria aqui seu logar, se tivéramos espaço para tanto; não deixaremos comtudo de inserir alguns trechos que apreciam a malograda artista e a sua grande caridade:

«Aquellas finas mãos de patricia tomavam com vivo prazer o escôpro e o cinzel; e ao calôr de uma inspiração que se embebia nas regiões céculas do ideal, desbastando, polindo, afeiçoando o marmore, lhe arrancavam primôres de estatuaría, que mereceram auctorisados elogios e honrosos premios em Paris e no Rio de Janeiro.

Não era futil passatempo; não era manifestação de vaidade feminina de novo genero: era o desafio de um espirito ávido de luz e de belleza; era um verdadeiro e fervoroso culto da Arte, — da Arte, expressão sensivel do Belo, que é o esplendor da Verdade, como o definiu o divino Platão.

Dentre as bellas artes, eu não sei, senhores, não sei de outra mais de maravilha que a esculptura.

A pintura tem á sua disposição, além dos traços, dos contornos, das perspectivas, dos agrupamentos de figuras proprias do desenho, as variadissimas tintas, brilhantes ou sombrias, da sua paleta.

A musica tem as suas melodias, ora dolentes, cariciosas e meigas como o ciciar de perfumada brisa em tarde estiva, ora vibrantes e entusiasticas como um clangôr de tubas beliciosas; tem as suas harmonias, as suas sabias combinações de sons: tudo isso penetra pelos ouvidos até dentro

de nós; tudo isso nos domina e nos empolga, quasi sem o querermos.

A poesia... essa é mais que arte; porque, se a palavra é o vestido da idéa, a linguagem poetica é o pensamento vestido de gala...

Mas tomar entre as mãos um bloco de marmore branco, duro, frio, de côr egual, de uniforme alvura, e fazer flexivel aquella dureza, e dár calor áquella frialdade, e imprimir variada impressão áquella identidade de côr e de materia, e comunicar movimento áquella inércia, e infundir um como sópro de vida naquelle gelo insensivel, e incorporar idéa naquella coisa inorganica, e tornar simbolo aquelle pedaço de pedra, e produzir quelles prodigios que ora nos assombam e nos emudecem, como o Laocoonte anonimo da antiguidade ou o Moisés de Miguel Angelo, ora nos encantam e nos desprendem os labios em um sorriso de gôso indefinivel, como o Cupido adormecido ou como a Noite do mesmo colossal mestre florentino... não sei, repito, não posso conceber maior portento do genio...

Falando da Mãe dos pobres, diz:

«Vejamol-a já no seu campo de acção por excellencia; vejamol-a, a grande bemfeitora, abrindo largas mãos ao infortunio, amparando em seus braços protetores a pobreza: *Manu suam apernit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem.*

Teve duas faces a caridade da santa Senhora — a que se via, e a que se ocultava.

Era conhecida e aplaudida do publico a *sopa ás creanças*; eram bem notorias as *cosinhas economicas*; muitos sabiam tambem que aquella mão generosa socorria os varios institutos de beneficencia da capital; mas o que geralmente se ignorava, é que essa mão com frequencia se recatava na sombra, e se abria em segredo, quasi como se cometesse um delito.

Nos lôbregos lares, sem lume e sem pão, entrava de manso aquella doce figura, qual visão angelica... Subira sem receio as escadas vacilantes que levam ás nuas e desabrigadas trapeiras, ou descera afoita aos subterreos fojos, onde a livida doença de mãos dadas com a descarovel fome, vae sugando os últimos alento, as extremas gotas de sangue aos miseros que nem já forças teem para sahir á rua a suplicar alguns ceitis aos transeuntes...

Oh! se os ricos da terra quizessem experimentar, como as experimentou a caritativa Duquesa, as delicias que ha no enxugar lagrimas, no lenitivar amarguras, no realentar desesperanças, no restituir ao prazer da vida uns quasi cadaveres! Se os ricos soubessem quanta verdade encerram estas palavras do Senhor Jesus:

— «Mais felicidade ha em dar que em receber»: *Beatius est magis dare quam accipere!*

Dos seus proprios creados, se a doença os prostrava no leito, era a Senhora Duquesa, enferma ás vezes ella mesma, a enfermeira desvelada. Não havia infortunio a que pudesse ficar indiferente.

Filantropia?... Altruismo?...

Não! Estes arvezados nomes são inadequados, são insufficientes para traduzirem os sentimentos que faziam pulsar aquelle nobilissimo coração.

Ha só uma palavra para os exprimir: *Caridade.*

Referindo-se ao grande sentimento publico manifestado no funeral da sr.<sup>a</sup> Duquesa de Palmella, o eloquente orador recorda-se do que em uma das cartas de S. Jeronimo se lê referente ao enterro da celebre Fabiola:

«Fabiola, — diz o dr. maximo, — no hospital que fundára, aos enfermos prestava ella propria por suas mãos os serviços que costumam exercer pelas dos seus domesticos os cristãos abastados, que teem a coragem de dar a esmola do seu dinheiro, não, porém, a de suas repugnancias. Nella uma fé mais forte superava o tédio. Por isso, a veneração publica enalteceu e consagrou a inclita dama que desprezara todas as grandezas para se fazer a servidora de todas as misérias. E quando ella morreu, o seu enterro teve o cunho das marchas triunfaes em que a velha Roma glorificava os seus heroes. Nem Camillo triunfou tão gloriozamente dos Gaulezes, nem Scipião de Numançia, nem Pompeu das gentes do Ponto. Torrentes de povo de todas as condições se comprimiam em multidão compacta, inumeravel, que não cabia nas praças, nos pórticos e nos terraços das casas. E todos, esquecidos de inimidades e dissensões, se uniam naquelle preito á virtude.»

«Não se vos está figurando, senhores, escutar a descripção fiel dos funeraes da Senhora Duquesa? Não é verdade que tambem nesse dia lutooso se puzeram de parte divergencias, se olvidaram odios, e os órgãos da imprensa periodica dos mais variados matizes, ferindo a politica, dedicaram em unisono eloquentes expressões de saudade e louvor á extinta; e o commercio espontaneamente entrefechava as portas dos estabelecimentos á passagem do funebre cortejo, e a capital, emfim, exultava nessa homenagem suprema a uma verdadeira benemerita da sociedade?»

E porquê, pergunto agora.

E' que a homenagem que se rendia, era tambem uma divida que se pagava.

E' que morrera a *Fabiola Portuguesa*.



## O Tropheu de Xadrez Luzo-Britannico

### I

(Speech de recepção ao Real Club Inglez que será pronunciado por A. Ansur, no Gremio Litterario, ás oito horas da noite de 30 de dezembro de 1909, por occasião da Justa de xadrez Luzo-Britannica.)

Pela terceira vez, meus Senhores, se nobilitam os xadrezistas do Gremio Litterario de Lisboa, recebendo nos seus modestos salões os do Real Club Inglez.

E não vos occultarei que é com entranhado affecto e desvanecido jubilo que, pela terceira vez, tomo a palavra n'esta casa para cumprimentar-vos, festejar a vossa presença, significar-vos, emfim, o justo enlevo que o convívio de taes *gentlemen* sempre nos causa.

Ha vinte ou trinta seculos, não sei se na Grecia se jogava, ou não, o xadrez. Creio, porém, que todos os xadrezistas poderiam tomar por divisa um verso profundo e magnifico da oitava Pythica de Pindaro, que sóa d'est'arte:

*Bia dé kai megálauchon ésfalen én chróno*  
(Tambem, alfim, vence ao soberbo a força.)

Cesar, levando cheque mate, em pleno Senado Romano, por mão dos seus proprios amigos, Napoleão 1.º, subindo ao portaló do *Northumberland* (que o sepultou em Santa Helena) depois de ter perdido com vossos maiores os *matechs* maritimo e terrestre que immortalisaram Nelson, em Trafalgar e Wellington, em Waterloo, — bastem estas duas grandes e classicas figuras para abonar a Pindarica sentença. Tivessem os governos humanos tido sempre na memoria aquelle verso e teriam evitado a repetição ineluctavel de tragedias pungentes e lastimosas catastrophes! Com effeito:

*Bia dé kai megálauchon ésfalen én chróno.*

O xadrez, meus senhores, jogo politico por excellencia, revela que só o genio pacifico e scientifico é perduravel como Newton, e inexpugnavel como Kepler. Por isso as suas aureolas eclipsam as d'aquelles famosos guerreiros. O xadrez symbolisa o predominio da intelligencia etherea sobre a força bruta e do espirito sobre a materia. E', por assim dizer, um hymno perenne da Intuição, da Previdencia e da Astucia e Habilidade, dominando e subjugando os Factos inertes, isto é, demonstrando, cabalmente, a superioridade da alma sobre o corpo.

Tambem ignoro, se Kant jogava, ou não, o xadrez. Mas podia, acaso, o profundo e apreciado author da *Critica da Razão Pura*, ignorar o alto e nobre exercicio que a esta obedece absoluta e exclusivamente? Não campêa o xadrez, em todo o Orbe, acima de quaesquer dogmatismos, ou convencionalismos supersticiosos?

Quando 1793 pôz no altar a *Razão* — *le souverain du Monde* — na phrase lapidar de Mirabeau, quando um grande pensador francez teve tambem a velleidade de pontificar sob as naves da cathedral magestosa da sua *Philosophia Positiva*, os nossos trebelhos tiveram direito de sorrir com desdem, segredando mutuamente:

«Os cultos que Robespierre e Augusto Comte querem instituir são desnecessarios; são filhos de mero, ephemero capricho. Por que o nosso «taboleiro é o adro vetusto que funde e congrega «todos os cultos; adro que ajuntaromeiros de «toda a parte; adro amplissimo onde todos podem prestar homenagem á Razão e á Philoso-

phia; adro, n'uma palavra, marchetado de torres elegantes, finissimos corseis, e outras figuras sublimes de ouro, ou prata, marfim, ou cristal, «contra as quaes nada pôdem quaesquer settas, «ou arietes adversos.»

E' n'esse adro precioso, meus senhores, que vamos celebrar, mais uma vez, o officio supremo de aferir o engenho, afinar o criterio, honrar os principios eternos do livre pensamento e do raciocinio. Cada um dos athletas vae mobilisar, sem duvida, tacita e rapidamente, as mais luzidas legiões e phalanges do seu exercito de axiomas e aphorismos, postulados e theoremas, syllogismos, enthymemas e corollarios. São o sequito inseparavel da Logica que (como sabeis) é a *alma mater* do xadrez.

No inicio d'esta jornada gloriosa só me resta emitir a dupla expressão de uma certeza e tambem de uma esperanza:

Que o nosso Tropheu, (sem duvida um lindo bronze artistico) seja, por seculos infindos, um hyphen indestructivel e luminoso que prenda Londres a Lisboa e o Tejo ao Tamisa, approximando mais e mais as duas velhas nações aliadas: — eis o que sinceramente desejo: — eis a esperanza!

Seja qual for o resultado da justa em que vamos pela primeira vez disputar a sua posse, ficarão ainda mais solidos e apertados os antigos vinculos de respeito e cordeal sympathia que a vós todos nos prendem. E' d'isto que tenho a certeza. Disse.

### II

(Texto do triplice brinde que ha de ser levantado pelo mesmo leader, ao champa-gne (1 hora da manhã) apenas se proclamar o resultado da batalha.)

Antes que esta Justa finde,  
Dae por bem que um portuguez  
Vos proponha um triplo brinde:  
Aos Reis Lusos e ao Inglez!  
Permitti que obscuro bardo,  
Manuel, Amelia, Eduardo,  
Vos incite a enaltecer.  
Que aos Trez vôem nossas almas!  
Offertemos-Lhes as palmas  
De intenso amor e prazer!

Viva S. M. El-Rei D. Manuel II! Hip! Hip!  
Hip!

*One more, if you please;  
One more yet.*

Viva S. M. a Rainha D. Amelia, Padroeira  
cleita do nosso Tropheu! Hip! Hip! Hip!

*One more, please;  
One more yet.*

Viva S. M. El Rei Eduardo VII! Hip! Hip!  
Hip!

*One more please;  
One more yet.*



## O Pintor Candido da Cunha

Deste illustre artista, sobejamente reputado, publicamos hoje reproduções, em belas gravuras do sr. Marques Abreu, dalguns dos seus quadros em que se torna mais evidente a sua intensa e distinta individualidade.

As paisagens de Candido da Cunha ferem sempre, pelo particular interesse que despertam, pela nota de intimidade das sensacionaes horas crepusculares tão familiares ao seu temperamento e duma suave, doce e comunicativa melancolia.

Se pelo espirito elle logra comover e subjuar o publico que espontaneamente o acolhe e admira, não menos consegue deter, na analise dos seus poderosos meios de ordem tecnica, o perito e o verdadeiro artista que, independentemente do tema e da ideia, estudam, para um completo trabalho psicologico, os metodos de expressão e de interpretação em numero e qualidade.

Em suma: em Candido da Cunha dá-se a feliz circumstancia dos metodos pituraes se conjugarem harmoniosamente com o pensamento literario. Espirito e Materia, eis o que nos mostra e patenteia concretamente a arte do distinctissimo pintor; arte perduravel e san excluida de modos efemerose e de convenções insubsistentes, em homenagem á Verdade que tudo perpetua e de tudo triunfa.

## A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

### CAPITULO XVIII

(Continuado do n.º 1114)

A unica casa demolida na Cotovia para desembaraçar o terreno onde se projetava edificar o Erario Novo, foi, como já disse no capitulo 4.º, a do arquiteto Manuel Caetano de Sousa. Além do preço da expropriação, foram-lhe concedidos os materiaes aproveitados da demolição e, como compensação, cedeu-lhe o governo um extenso terreno, fronteiriço á Fabrica das Sedas, no extremo da vasta quinta dos jesuitas expulsos.

Foi nesse pedaço de terra e com os materiaes da casa expropriada que o filho do arquiteto, Caetano Thomás, principiou edificando uma nova habitação, por um plano e risco da sua lavra, entre os annos de 1790 e 1792.

Jacome Raton comprara o novo palacio do arquiteto, a quem chama simples pedreiro com algumas luzes de desenho, com a ridicula moradia da rua da Procissão mandada construir pelo tendeiro da Esperança, conhecida depois pela *Torre da Asneira*. Efectivamente, a casa do arquiteto não prova a sua arte nem o seu bom gosto; é uma monstruosidade arquitetonica banal e desgraciosa, como ainda hoje se pôde ver, e onde os restauros posteriores nada tem conseguido no sentido de alindar-lhe o aspecto.

Em 1796 ainda não estava concluida, apesar de ali já habitar o senhorio, que vindo a falecer em 1802, com 60 annos de idade e em circumstancias dignas de nota, a legou a seu filho Francisco Antonio de Sousa, arquiteto tambem, cavaleiro da ordem de Cristo e coronel de engenheiros (1).

Em 1803 occupava este a sobreloja e alugava o resto da casa. Nesse anno os inquilinos eram João Francisco da Cruz, Filipe Marcelli e o capitão José Jacinto. Em 1810 o senhorio passou a residir no andar de cima, arrendando a sobreloja a D. Maria da Piedade e Lacerda.

Em 1815 vemos os mesmos moradores, mas, dois annos depois, já encontramos instalada no palacio a Intendencia Geral de Policia. Possuía então o Estado a vasta residencia, porque Francisco Antonio de Sousa, implicado na conspiração de Gomes Freire, de quem era visinho e admirador, fora preso e degredado para Angola com confisco de todos os seus bens (2).

A Intendencia ainda ali estava em 1818. Neste anno foi posta em praça a propriedade, com todas as suas pertenças e com os sobejos do chariz do Rato que lhe tinham sido conferidos por alvará de 25 de agosto de 1794.

Passados quatro annos sobre reclamações e formalidades, arrematou-a finalmente (em 18 de março de 1822) o barão de Teixeira, depois conde da Povoá, e logo começaram, ordenadas pelo novo proprietario, importantes obras de restauração e de aformoseamento que duraram até 1842. Datam desse periodo a sala de jantar e a escadaria do palacio.

Pelo casamento da filha do novo proprietario com o duque de Palmela, passou a notavel residencia para a posse dos Sousas Calharizes.

A actual senhora duqueza, nascida no palacio dos Pinto-Bastos, ao Loreto, reside ali desde 1850, anno em que faleceu seu pae o duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein (3).

Como já ficou dito, o palacio do Rato é um grande casarão incaracteristico de uma banalidade revoltante para moradia de um duque.

(1) Sobre este assumpto ver o artigo do auctor publicado no n.º 16 da 2.ª série da *Illustração Portuguesa*.

(2) Uma tradição conservada ainda diz ter Francisco Antonio de Sousa conseguido fugir entre uns colchões quando a policia o procurava, e ter-se occultado algum tempo no proximo palacio dos Guifões, a S. Filipe Nery.

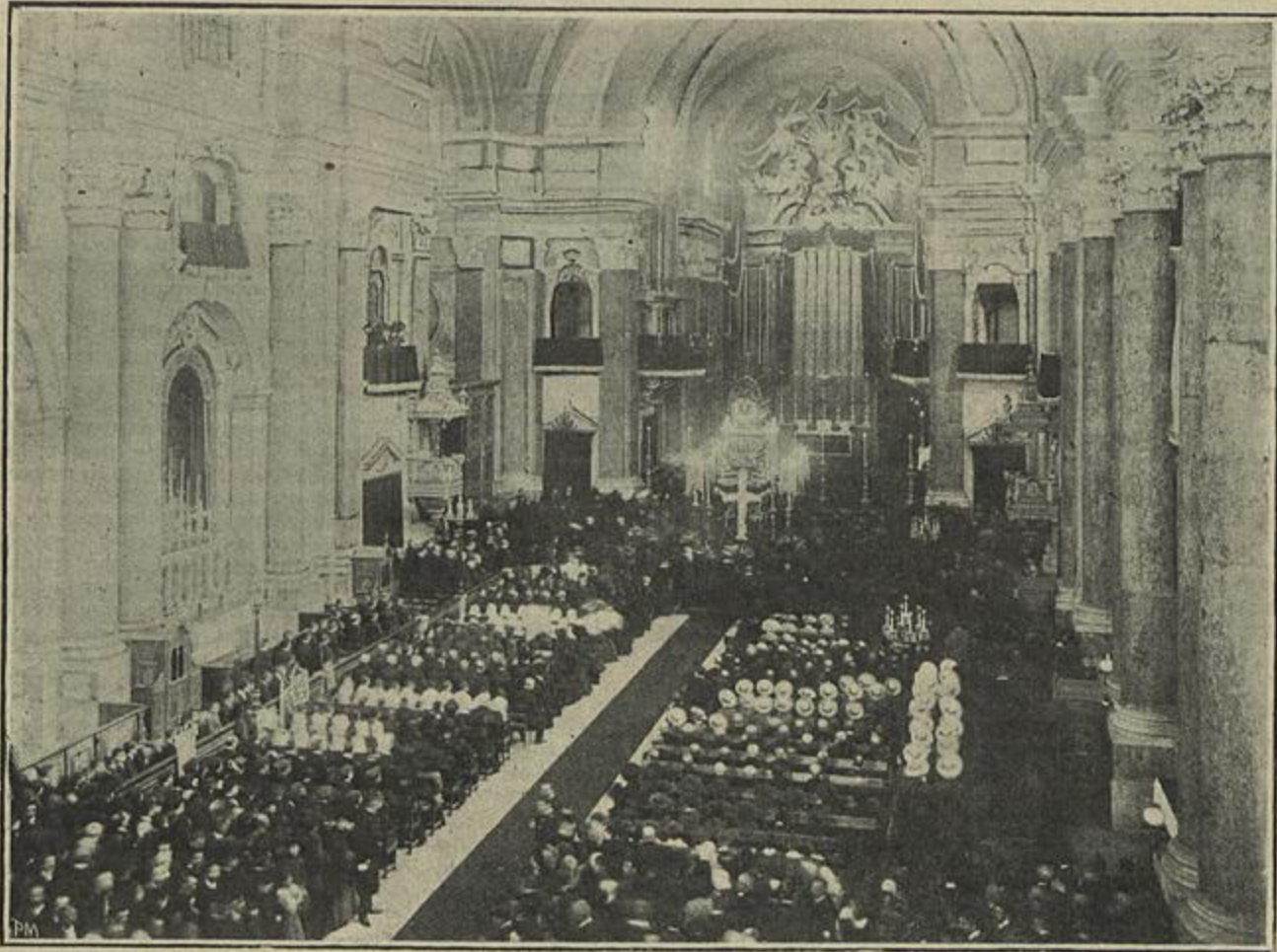
O que está provado é que elle foi preso na propria residencia L.

Mais tarde voltando ao reino depois de indultado requereu lhe fosse entregue o palacio confiscado, mas não foi atendido. Francisco Antonio de Sousa, não deixou descendentes. Caetano Thomás, seu irm o, casou. Se teve descendencia tambem ignoro.

(3) Na *Gazeta* de 23 de julho de 1835, annunciava-se a venda deste palacio avaliado em 40 contos. Para tratar indicava-se Caetano Thomás de Sousa, filho 2.º do arquiteto Manuel Caetano.

Em 16 de setembro do mesmo anno foi á praça, sem que encontrasse comprador.

O palacio era foreiro ao Colegio dos Nobres em 138860 rs. Em 8 de novembro annunciava-se novamente a sua venda.



AS EXEQUIAS POR ALMA DA SR.<sup>ª</sup> DUQUESA DE PALMELLA, NA EGREJA DE S. DOMINGOS

A sua fachada nada tem que a recomende e baldados tem sido todos os louváveis esforços empregados pelos seus proprietários para a retocarem e reformarem.

Os dois *hermes* monumentaes que ladeiam o portão (obra de Calmels, creio eu) são pobrissimos como concepção. A figura do trabalho, apresentando uma barba cuidadosamente frisada, é infelicissima! Os braços que encimam as três portas, da casa e do jardim alto, são malissimamente esculpidos. As corôas, onde afluem os panejamentos do manto de arminho, semelham cestos cheios de roupa. Uma serie de andares sobrepostos sobre os beirões acabam de desfear o aspéto d'esta habitação nobilissima, guardada á vista por dois candieiros de vidros facetados, no mais arrelizador *modern-style*.

Interiormente tambem nenhum primor arquitetónico consegue maravilhar o visitante. Apenas alguns tétos, pintados no mais puro estilo Luis XVI, e a magnifica capela lo-gram a atenção dos raros e felizes que tem conseguido transpôr os humbraes daquelle solar, fechado ha muito aos curiosos e aos bisbilhoteiros de obras de arte. Onde, porém, o fausto, a opulencia e a suprema beleza se conjugam n'uma fascinação de arte, é nas preciosas coleções de pintura e de ceramica que esse monstro inexpressivo guarda nas suas salas luxuosamente se-  
veras.

Ahi, sim! ahi é que as inclinações artisticas desta nobre estirpe, que principiaram em D. Alexandre de Sousa, ministro de Portugal em Roma (1793-1803) e se aninharam no espirito cultissimo da, agora falecida duquesa, se manifestam com uma superioridade incontestavel. As vinte cinco peças de esmaltes de Limoges, compradas ao marquês de

Angeja, juntamente com o palacio do Lumiar, pelo primeiro duque, constituem um tesouro inapreciavel, digno do museu britanico, que se acha

acondicionado n'uma das salas do palacio em um mostruario de cristal. São primorosissimas todas ellas e a circumstancia de se acharem assinadas e datadas duplica-lhes o valor.

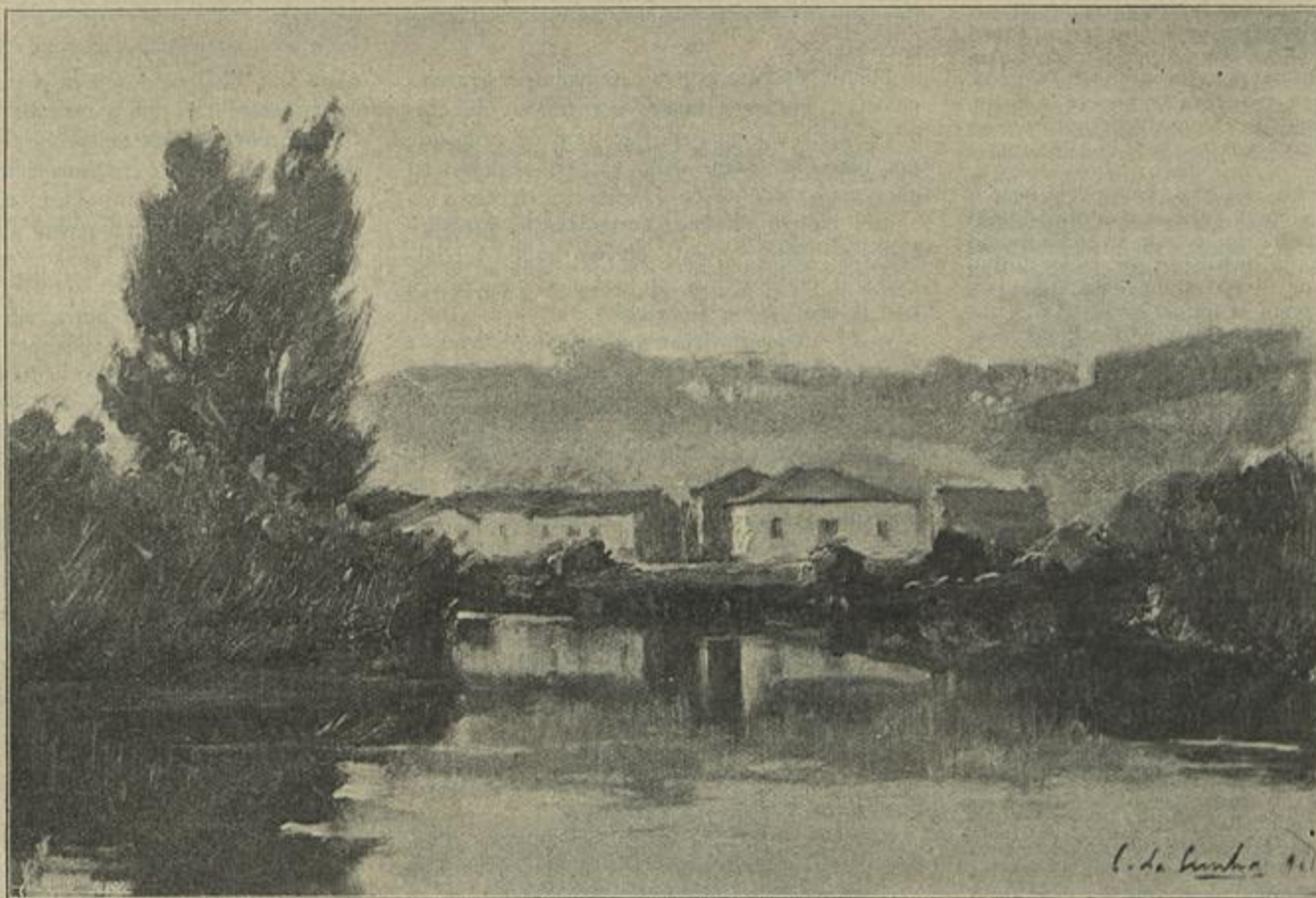
A coleção de pinturas é preciosa e unica em Portugal, em poder de particulares. Nella avultam as quatro télas magistraes de Domingos Antonio de Sequeira, cujos esboços se guardam nas *Janelas Verdes*; outros quadros, de altissimo valor, do pincel insigne dos dois Vieiras; o famoso retrato de D. Sebastião, obra de Claudio Coelho; uma *Sacra Familia*, desenho de Rafael e colorido de Julio Romano; um *S. Miguel esmagando o dragão*, attribuido a Grão-Vasco, e outros quadros de Guido Reni, Cristovam de Utrecht, e Rembrandt não menos notaveis do que aquelles, que fariam a fortuna do colecionador mais exigente.

Como se estas duas coleções não bastassem, ainda outra dignifica neste palacio a arte soberana. Refiro-me a um nucleo valiosissimo de vasos italio-gregos, reunidos em Roma, por D. Alexandre de Sousa Holstein, durante o tempo da sua embaixada. Nessa coleção acham-se reunidas quasi todas as especies daquelles objetos de ceramica anti-ga.

Se juntarmos a isto algumas esculpturas e estatuas antigas e modernas, oito mèsas de mosaico e de marmore, um vaso magnifico de Sévres e seis fragmentos de mosaico grego, teremos enunciado imperfeitamente as preciosidades contidas neste casarão que lhe serve de indigno cofre. Ao leitor que melhor se quizer informar do que eu por alto aqui referi, aconselho dois estudos; um, puramente scientifico e erudito, publicado pelo sr. Gabriel Pereira, no *Boletim da Real Associação dos Arquitectos e Arqueologos Portugueses* (1901-1902), e outro, mais exclusivamente literario, devido á penna brilhante do sr. C. Ma-



CANDIDO DA CUNHA



Iheiro Dias, incluído na 2.<sup>a</sup> serie das suas *Cartas de Lisboa*.

Posto isto, passamos adiante.

O *Diario do Governo*, de 2 de março de 1842, insere o seguinte annuncio :

«Aham-se á venda dez estatuas de madeira, primorosamente obradas pelo insigne artista Joaquim José de Barros Laborão, as quaes foram expressamente mandadas fazer para a magnifica capella, sita no palacio que hora é da Ex.<sup>ma</sup> Condessa da Póvoa onde se acham os seus logares proprios. Quem quizer procurar o seu ajuste, pôde procurar a Luis Antonio da Silva, morador na rua dos Cardaes de Jesus, n.º 31—1.º andar.»

Ignoro se chegaram a ser vendidas ou se ainda se conservam no palacio.

A gazeta do anno de 1835, publica tambem, nos seus numeros 13 e 18, um annuncio oferecendo alviçaras a quem descobrisse o paradeiro de seis relógios de ouro e esmaltes e que tinham sido furtados á condessa da Póvoa.

E' de crer que nunca mais apparecessem.

Com isto conclui o que pude apurar ácerca desta resi-



UMA MANHÃ NO RIO AGUEDA  
MOINHOS EM SANTA MARTA  
BARCOS DE PESCA, EM LEXÕES

*Quadros de Candido da Cunha*

dencia. Quando passo pela rua da Escola e olho a frontaria do palacio e o alto muro, revestido de silharia de marmore e ornado de uma platibanda coroada de vasos floridos, recordo sempre o muro tósco da quinta dos jesuitas e julgo ver ainda, entaladas em esboroamentos propositados, a taberna do italiano José Scala e a barraca do ferrador Manuel José a rirem-se escarninhas daquella bisarria feiíssima, gerada pela fantasia arquitetural de Manuel Caetano de Sousa.

G. DE MATOS SEQUEIRA.



### Monumento a José de Alencar

O Brasil não tem esquecido os seus filhos mais illustres erigindo nas praças publicas monumentos que os recordem aos vindouros, como exemplo e estímulo aos que trabalham pelo engrandecimento



da patria. José de Alencar foi um desses filhos que bem merece todas as homenagens.

Nasceu José Martiniano de Alencar na provincia do Ceará em 1 de maio de 1829, e aos 22 annos de idade formava-se em direito em Olinda, dedicando-se logo á advocacia, no que se distinguia de modo superior, como superiormente se desempenhou de cargos officiaes que lhe foram confiados.

No meio, porém, das suas multiplices occupações, encontrava horas para se dedicar á litteratura, que era sua paixão, e cedo se enfileirou ao lado dos escritores brasileiros de maior brilho como Teixeira de Sousa, Manuel de Almeida e outros que honravam as letras.

Logo ás primeiras obras que publicou deu mostras de seu talento pela novidade da fórma toda sua e que accentuava uma litteratura nacional, como são seus romances *O gaúcho*, *O Guarany* e *As minas de prata*, e assim proseguiu nos livros que mais se popularisaram no Brasil, *Cinco minutos*, *Iracema*, *Luciola*, *Til*, *Senhora*, *Diva*, *O Garatuja*, *A pata da Gazela*, etc.

Para o teatro também produziu obras de valor, como os dramas de escola moderna *O Jesuita e Mãe*, e comédias *O demonio familiar*, *As azas de um anjo* e outras, sendo estas que citamos também representadas em Lisboa.

Foi jornalista insigne e combatente na politica, sendo autor das celebres *Cartas de Erasmo* que fizeram época, como panflêto politico contra o governo do imperio.

Levou a tal ponto sua austeridade civica, que fazendo parte do ministerio, se demittiu veiu combater o proprio governo a que pertencera declarando na camara o poder pessoal do chefe do Estado em detrimento da constituição.

Foi um lutador sincero pelo engrandecimento da patria, e como ella reconheceu sua dedicação e valôr, vê-se no monumento que lhe ergueu no Rio de Janeiro, o qual reproduzimos agora nestas paginas, agora que passou o 32.º anniversario da sua morte, em 13 de dezembro de 1877.



## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1113)

XII

### A dança macabra

Foi para mim grande surpresa, descobrir que um dos homens de Czerny ficára no bungalow; e quando ouvi a sua voz, fiquei como que petrificado durante um minuto, sem saber se havia de avançar ou recuar.

A luz do candieiro era brilhantissima. E' preciso recordar que eu me encontrava com Dolly nos braços e que Seth Barker estava lutando para recolher Mr. Bligh. Assim já poderão calcular porque vacillava e as perguntas que fazia a mim mesmo, pensando em quantos homens haveria ali dentro d'aquella casa, além do extranho que me apparecera, ou qual o motivo porque este havia ficado na ilha, quando a morte pairava por sobre ella.

A esta pergunta, respondeu em pessoa o extranho antes que tivessem decorrido dois segundos, e o meu instinto de marinheiro, parecia dizer-me que aquelle homem era um amigo.

— Entrem para aqui — exclamou abrindo uma porta por detraz d'elle, e que dava para um quarto interior, mas que eu não tinha visto quando visitára Ruth. — Entrem para aqui depressa, e não se entretendam a apanhar flores no caminho. Pelo que vejo acabam de fazer uma viagem de recreio através do nevoeiro, que sem duvida os attraheu como marinheiros que são.

Abriu a porta emquanto dizia isto e assim que entrámos, fechou-a rapidamente.

Não era muito grande o quarto e por isso

pude reparar que as janellas estavam hermeticamente fechadas e cobertas por espessas cortinas.

Metade da casa estava occupada por grandes retortas, balões e outros apparatus de chimica. Uma chamma de gaz azulado, sahia de um tubo de ferro, e ao entrar, sentimos na cara uma corrente de delicioso ar fresco.

Resolvemos ali ficar succedesse o que succedesse. Fosse aquelle homem amigo ou inimigo, o certo é que ali podia-se respirar, e isso já era uma grande coisa.

— O nevoeiro apanhou-nos no bosque e vimos fugindo d'elle — disse eu, lembrando-me ter chegado o momento opportuno de dar algumas explicações. — Foi uma loucura metter-nos a elle; mas felizmente, tivemos a fortuna de vir parar a casa de um homem de sciencia. Sabeis certamente o que tem este rapaz, pois se assim não fosse, não estarieis n'esta casa. Muito vos agradeceria se o pudesseis tratar.

Voltou-se para mim com expressão agradável e pediu-me para collocar Dolly sobre o sophá, perto do tubo de ferro, d'onde sahia a chamma azulada.

Peter Bligh, sentado n'uma cadeira, vomitava maldições e rogava pragas ao mesmo tempo que tossia.

Seth Barker, que tinha os pulmões d'um toiro, parecia satisfeitissimo. Não creio que haja nevoeiro capaz de lhe fazer mal.

Quanto ao doutor parecia perplexo.

— Dentro em cinco minutos, estará bom — disse elle com gravidade. — Aqui ha bastante ar para os cinco.

E depois de reflexionar um momento, continuou:

— Temos ar para três dias, depois... pensaremos no que convém fazer.

Eu não sabia o que lhe havia de responder e os meus companheiros não estavam mais adiantados do que eu em tal assumpto. Dolly Venn já tinha aberto os olhos, mas continuava deitado de costas sobre o sophá, branco como papel.

Dentro do quarto sentia-se um ruído como o do gaz que se escapa de uma torneira.

Eu respirava com tanta força, que sentia uma especie de embriaguez, mas o doutor, andava com uma certa pausa, ora vigiando as retortas, ora observando os outros apparatus.

Decorreu cinco minutos antes que elle nos fizesse outra pergunta.

— Porque não fóram os senhores para o refugio? — perguntou finalmente.

Compreendi então que nos julgava gente de Czerny, e por isso tomei uma resolução.

— A prudencia aconselhou-nos a que não fóssemos, doutor — respondi, pois não havia duvida que estava falando com um medico — A prudencia, ou seja aquelle instincio que afasta das teias d'aranha as pobres moscas que voejam perto. A minha lealdade não permite que seja ingrato para comsigo e por isso lhe vou dizer toda a verdade. Não viemos á ilha de Ken, porque sejámos amigos de Edmundo Czerny, nem elle tampouco nos tem n'essa conta. Pergunte a madame Czerny, quando a vir, e ella lhe dirá o motivo porque viemos. O seu procedimento, doutor, é o de um homem de bem e mal andariamos se não lhe depositássemos toda a nossa confiança. E digo mais: No dia em que Edmundo Czerny nos encontre n'esta praia, será um dia mau para elle ou para nós, segundo a nossa sorte. Dizendo isto julgo ter falado com toda a franqueza e podereis julgar o que quizerdes.

Estas palavras foram ditas com a maior naturalidade, pois não queria que elle pensasse,

que eu temia Edmundo ou necessitava de fingimento.

Quer aquelle homem fosse seu amigo quer fosse seu inimigo, desejava portar-me com elle honradamente e com a maxima franqueza.

Surprehendeu-me um pouco, confesso, quando vi que o doutor continuava tranquillamente occupado nos seus trabalhos, indo de um lado para o outro, ligando pouca attenção ao que eu dizia e sem que a nossa presença o preocupasse.

Quando nos falou outra vez, foi para nos fazer uma pergunta com respeito a miss Ruth.

— Madame Czerny!? — disse elle — Com que então ha uma madame Czerny?

Se de repente me tivessem dado um murro na cabeça, não me haveria surprehendido tanto, como esta ignorancia.

Tinha ficado na ilha de Ken um homem, quando toda a população fugia para a casa submarina; esse homem trabalhava, estava seguro d'isso, para descobrir quaes eram os gazes que a envenenavam; e esse homem que se encontrava na propria casa de miss Ruth, nem sequer lhe conhecia o nome!

Foi a coisa que mais me surprehendeu aquella noite.

E mais me admirou a maneira como a pergunta foi feita.

— Então nunca ouviu falar de madame Czerny? — exclamei attonito. — Palavra? Nunca lhe chegou aos ouvidos o nome de madame Czerny? Mas d'onde vem o senhor, que não sabe quem é a mulher de Edmundo Czerny, doutor, sua mulher legitima.

Voltou outra vez a vêr as retortas, e começou falando emquanto trabalhava.

— Vim a esta ilha com o principe Czerny, quando aqui desembarcou ha dois dias. Não me falou de sua mulher. Na America ha pessoas a quem interessaria muito saber isso, da existencia de madame Czerny... sobretudo a algumas senhoras.

Calou-se durante uns segundos, e depois continuou:

— Naturalmente os senhores são amigos da princeza.

— Qual princeza, nem qual carapuça! — repliquei. — Deus me perdôe, porque quero muito a miss Ruth; mais talvez do que se fosse minha irmã. Czerny é tão principe como eu ou como o senhor, embora falando assim tome uma grande liberdade, pois não sei com quem estou tratando, nem sei o seu nome. Elle é simplesmente Edmundo Czerny, um musico hungaro, pelo qual se enamorou miss Ruth quando esteve no Sul da Europa, e a quem elle está fazendo pagar o seu capricho retendo-a aqui, no Pacifico. Calcule, uma joven americana...

O doutor parou repentinamente as suas observações chemicas, e dirigindo-se-me pela primeira vez sem aquella calma com que o tinha visto até ali.

— Uma joven americana!

— Tão certo como existir Deus!... Uma joven americana. Era filha de Rupert Bellenden que fez a sua fortuna com o caminho de ferro *Western American*. Se o doutor se recorda do naufragio do *Elbe*, não me perguntará o fim que elle teve. Seu filho Kenrick Bellenden está agora na America. Daria a minha vida, para que Kenrick soubesse o que sua irmã está passando n'esta maldita ilha. Por isso o meu barco se acha agora navegando a caminho de S. Francisco, pelo menos assim o creio e espero, e se tal não fór, é porque se encontra no fundo do mar.

Estas ultimas palavras foram ditas com algum enthusiasmo, mas a minha excitação não

foi compreendida pelo doutor, o qual, durante alguns minutos ficou engolfado nos seus pensamentos como se estivesse sonhando.

— Veiu então em barco proprio? — perguntou. — Naturalmente não foi com o sentido de vir passear. Foi miss Ruth que lhe pediu para vir aqui?

— Foi... uma promessa que lhe fiz — repliquei. — Deixou na mão do seu banqueiro, dinheiro bastante para que eu fretasse um barco e vir á ilha de Ken d'oze mezes depois da sua bôda. Cumpri a promessa, e aqui estou, eu mais os meus companheiros, e só Deus sabe a sorte que nos espera e qual será o fim da nossa empresa.

Fez um expressivo movimento de cabeça que lhe evitou muitas palavras, e d'ali a pouco, sem se occupar do que tinhamos falado, voltou-se repentinamente para Peter Bligh e exclamou:

— Eh, homem!... Que é que tem?!...

Peter estava sentado e direito que nem um pau, mas respondeu acto continuo:

— Fome, doutor, fome é o que mais me apoquento agora! Pense tambem que tenho sede e ficará sabendo toda a minha doença.

— Já lhe saiu dos pulmões a neve que apanhou?

— Já saiu, já; e encontro-me disposto até a dançar sem pensar em escolher par. Ponham-me ao lado de um bom bife e verá como eu lhe faço amôr. Tenho a certeza de que não ganharei nunca a vida, exhibindo-me como homem-esqueleto.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA



## CONSTANCIO D'OLIVEIRA

Publicamos hoje o retrato do nosso presadissimo amigo, que em sessão de 16 do corrente a Camara Municipal de Lisboa nomeou para Chefe da 2.ª Repartição, logar que durante a fatal doença do malogrado Gomes da Silva, exerceu interinamente, revelando a sua alta competencia na especialidade e tornando-se legitimo credor das maiores sympathias não só pela sua capacidade intellectual como pelo seu caracter diamantino.



CONSTANCIO D'OLIVEIRA

A sua captivante affabilidade faz com que em todos que se lhe approximam encontre um amigo dedicado.

Por isso, aquella justa nomeação, encontrou o suffragio absoluto do pessoal da Camara Municipal, que unanimemente se regosijou da justiça feita ás inestimaveis qualidades do sr. Constancio d'Oliveira a quem do coração felicitamos.

J. M.

## NECROLOGIA

### Francisco Gomes da Silva

Teve seu tempo de glorias o bem reputado publicista, que faleceu no dia 30 de novembro, ao cabo de uma doença que desapidadamente o torturou por mais de tres annos.

Teve o seu tempo de glorias Francisco Gomes da Silva, quando a sua penna brilhante escrevia no jornal a *Democracia*, onde pela primeira vez appareceu, e sua palavra eloquente era ouvida nos comicios, onde o povo o vitoriava.

Gomes da Silva pertencia á falange avançada em que militavam Elias Garcia, Oliveira Marreca, Sousa Brandão, Latino Coelho e outros republicanos que faziam propaganda do seu crêdo pela evolução das idéas, dentro do campo que as instituições permitem á liberdade do pensamento.



FRANCISCO GOMES DA SILVA

Assim foi Gomes da Silva quer na imprensa quer na tribuna, de uma extrema correção no ataque, no respeito pelas crenças dos adversarios, como um verdadeiro espirito liberal que era, sobresahindo no meio da sociedade por seu robusto talento, com que conquistou, a par da sua posição social, as sympathias de correlegionarios e de adversarios até.

Bom caracter o deste homem, mais ainda de apreciar nos tempos que vão correndo.

Nasceu Francisco Gomes da Silva, nesta cidade, em janeiro de 1853, e tendo cursado algumas disciplinas do liceu assim como o curso superior de letras, principiou por se dedicar ao commercio como guarda livros da casa Pereira & La Roque. Passou depois a empregadô da repartição de fazenda da Camara Municipal, então da presidência de Fernando Palha.

Filiado no partido republicano em 1876, travando então estreitas relações com Elias Garcia respeitado chefe desse partido, e que, no jornal que fundara, *A Democracia*, advogava a sua causa.

Não tardou Gomes da Silva a fazer parte da redação daquelle jornal e ali publica uma longa serie de cronicas parlamentares sob o titulo *Nas galerias*, assinadas com o pseudonimo de *Justus*, nas quaes logo se notabilizou como escritor de talento, tão correto e brilhante na fórma como delicado e primoroso. Gomes da Silva acompanhou sempre *A Democracia*, cuja publicação terminou por 1890.

Depois foi director do jornal *O Tempo* fundado em 1891, mas que teve vida curta. Em 1894 foi director politico do *Dia*, fundado por Antonio Ennes, e de que por muito tempo Gomes da Silva foi digno continuador. Quando Cecilio de Sousa morreu, Gomes da Silva assumiu por algum tempo a direção da *Folha do Povo*, fundada por aquelle jornalista. Fóra destes jornaes, Gomes da Silva colaborou no *Pimpão*, no *Antonio Maria*, de Rafael Bordallo Pinheiro, no *Domingo*, de Pinheiro Chagas, na *Revolução de Janeiro*, usando tambem do pseudonimo de *Prudencio*. Foi corres-

pondente em Lisboa de varios jornaes do Porto, como o *Diario da Tarde*, *Dez de Março*, *Folha Nova*, etc.

Na tribuna publica estreou-se em 1879 num comicio realisado no Circo Price, hoje demolido, ácerca do registo civil. Nesta estreia affirmou seus extraordinarios dotes de orador, que sempre sustentou em outros comicios e conferencias e que tiveram um extraordinario exito, no primeiro discurso que pronunciou em côrtes quando deputado, na interpeação ao governo por este ter expulsado de Portugal a Salmeron, que viera aqui de visita, em 1894.

Foi a sua estreia parlamentar, pois naquelle anno havia sido eleito deputado pela minoria como o fóra tambem Eduardo de Abreu.

Em 1896 voltou novamente á camara eleito por Lisboa, e tambem pela lei das minorias.

Gomes da Silva não conheceu outro partido que o republicano, no qual se conservou convicto. Tomou parte no banquete de Badajoz em que partidarios espanhoes e portuguezes se juntaram, levados pela idéa da republica nos dois países e de mais tarde formarem a federação Iberica.

Foi esta, acaso, a manifestação menos simpatica da sua vida, arrastado certamente por suas convicções. Depois disto Gomes da Silva foi pouco a pouco retirando-se da politica ativa, talvez um tanto desiludido e sobre tudo achacado por doença que mais tarde o vitimou.

Gomes da Silva era já ha bastantes annos director geral da repartição da fazenda municipal, logar que adquiriu por concurso, e no qual faleceu.



**Nondar** — *Noticia Historica (da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes)* por Gustavo de Mattos Sequeira — 1909 — Lisboa — Tip. da Moeda.

A materia referida é separata do *Boletim* da mencionada associação.

Trata-se de uma fortaleza em ruina, unico resto da antiga povoação do mesmo nome, situada perto do Guadiana.

O texto, de pouca extensão, tem comtudo interesse flagrante e é illustrado com estampas de bastante nitidez.

**Aguas** — Antonio Granjo — Famalicão — Typografia Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão — 1909.

Eis um livro de versos que abrange 104 paginas, duas das quaes constituem o indice.

Encerra o mesmo livro 35 composições animadas mediante figurinhas delicadas; e, em boa verdade, o autor possui vocação para as musas e mostra sentimento poetico digno de nutrir-se.

Parece nos, porém, que devemos aconselhar o a largo estudo e leitura seleta, a fim de poder abrir mais vasto horizonte e simultaneamente adquirir e acentuar elementos que o aprimorem.

**Folk-Lore Musical (Canções Portuguezas)** — Musica composta por Americo Angelo — Letra coordenada por Arnaldo da Silva — Volume I — *A salaio* — Empreza Pereira & C.ª, proprietarios e editores — Porto, rua do Belmonte.

Tem o cunho tipico nacional, e a canção principia assim:

Quero cantar á salaio  
Já que outra moda não sei  
Minha mãe era salaio,  
Eu com ella me criei.

Que bons tempos estes versos recordam!

**Portugal** — *Ministerio dos Negocios da Fazenda* — *Direção Geral da Estatistica e dos Proprios Nacionaes* — *Emigração Portuguezsa* — Anno de 1906 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1909.

E' um volume bem organiado, apresentando o texto em onze quadros, a que se seguem quatro graficos de orientação correlativa.

**O Archeologo Portuguez** — *Coleção illustrada de materiaes e noticias publicadas pelo Museu Ethnologico Portuguez* — Anno xii — Julho a dezembro de 1908, n.º 7 a 12 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1908.

O fascículo referido, que temos presente, acha-se ornado com 60 estampas elucidativas do texto, interessante, onde avulta o notável estudo firmado por Felix Alves Pereira, sob o título *Novo material para o estudo da estatuaría e arquitectura dos castros do Alto-Minho*.

Em legitima defeza — *Desmentido ás insinuações feitas no Relatório do sr. Eusebio da Fonseca contra os proprietários de Corjuém e Ponalém, da freguezia de Aldoña, de Bardeç — Índia Portuguesa — Nova Gôa — Tip. da Minerva Indiana — 1909.*

É uma questão a proposito de contribuição predial, versada em 56 paginas de papel muito regular com corpo de composição aceitavel.

Quanto á prosa, não nos edifica nem nos delecta, posto que seja clara e correntia, por não ser do nosso alcance a facil averiguação dos factos de que se trata; mas como não ha fumo sem fogo, presumimos que alguma razão assiste aos autores do pampheto a que acabamos de fazer allusão.

O 2.º Visconde de Santarem e os seus Atlas Geograficos (*Estudo publicado pelo actual Visconde de Santarem*), por Jordão A. de Freitas, official da Real Biblioteca da Ajuda — Lisboa — Oficina Tipografica — 1909.

Belo volume de 202 paginas, formato grande, estampa dois retratos do que foi um verdadeiro sabio na acepção rigorosa do termo, e o sr. Freitas precede o texto propriamente dito com uns *Apontamentos biograficos*, segundo o batismo que a sua modestia adotou, mediante as quaes, aliás, fica desdobrado ante a vista do leitor o



MONUMENTO A JOSÉ DE ALENCAR, NO RIO DE JANEIRO

quadro perfeito da existencia do 2.º Visconde de Santarem.

Aproveita se evidentemente com a leitura desta obra erudita.

*Jardim Zoologico e de Aclimação em Portugal — Sociedade anonima de responsabilidade limitada — Capital realisado 65:960\$000 réis — Relatório da direcção e parecer do conselho fiscal, para serem presentes d' assemblea geral ordinaria de de 1909 — Lisboa — Papelaria Casa Portuguesa Tipografica — 1909.*

Este documento manifesta que houve saldo, na importancia de 2:326\$545 réis, que o conselho fiscal resolveu levar a credito da conta de perdas a indemnizar.

*Sociedade dos Arquité os Portuguezes (Associação de classe fundada em 11 de dezembro de 1902) — Anuario premiado com medalha de ouro*

na exposiçào do Rio de Janeiro — Anno 4.º — Lisboa — Tipografia do Comercio — 1908.

Mantém as honrosas tradições dos antecedentes, justamente adquiridas. Publica bélas estampas e insere artigos muito apreciaveis.

*Prestação de Contas — Exposiçào dos actos das directorias do Real Gabinete Portuguez de Leitura — Real e Benemerita Caixa de Socorros D. Pedro V — Rio de Janeiro — Tip. do Jornal do Comercio, de Rodrigues & C.º — 1909.*

Neste folheto verifica-se por mais uma vez a excelencia da modelar instituição cujo titulo revive na America do Sul brasileira o nome do illustre monarca demasiado cedo arrebatado á esperanza dos portuguezes.

*Biblioteca da Infancia — III. Narrativas e Lendas da Historia Patria — O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira — Lisboa, Alfredo David, editor, etc. Um volume de 200 paginas com as dos indeces, em magnifico papel e nitida impressào, illustrado de numerosas gravuras alusivas á vida de D. Nuno Alvares Pereira, e com uma linda encadernação a percalina e dourado, de muito gosto e novidade, que só por si faria o livro de apeterer, se o texto o não recomendasse pelo simpatico assunto que trata.*

De facto não temos na historia patria um vulto de mais singular destaque, que tanto se imponha por sua inigualavel valentia e ao mesmo tempo bondoso coração, num concurso de virtudes, que o povo o proclamava santo e a posteridade o quer beatificar.

Belo exemplo é para nossos filhos a leitura da vida deste portuguez illustre, que tanto honrou a patria.

## Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

**Extração dos dentes sem dor**

**Dentes artificiaes colocados sem placa**

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

## E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

**Roupas brancas** para homens, senhoras e crianças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCEPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

## Cambios e Papeis de credito

**Vierling & C.ª, Limitada**

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

—\* LISBOA \*—

Endereço telegraphico — STERLING.

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na côr para collecções

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis